

# Incentivador do Esporte



Acreditar no potencial de atletas e investir em ações de solidariedade. Essa é a proposta do empresário Celso Martins, 64 anos. Esse mineiro, que trabalha no comércio há várias décadas, decidiu aliar sua paixão com uma estratégia rentável, que há três anos vem dando uma boa visibilidade ao seu negócio.

Celso patrocina vários atletas da cidade. Ele escolheu a área náutica por também ser velejador e hoje possui uma equipe com currículos de dar inveja a qualquer empresário. Celso patrocina atletas como João Ramos, destaque brasileiro na Classe Laser e com grande visibilidade no circuito

nacional, e ainda Ricardo Paranhos e Rodrigo Mendonça, duas promessas do Optimist e que também vestem a camisa de sua equipe. Em seu grupo também fazem parte velejadores de Snipe, Star e algumas Classes de cabinados.

Durante a conversa com a equipe da revista late, Celso falou sobre o começo de seu projeto, da necessidade do empresariado investir na formação esportiva de atletas e ainda nas parcerias que podem ser feitas entre a iniciativa privada e os clubes de Brasília. Com vocês, as idéias de um verdadeiro incentivador dos esportes que acredita e leva à sério o atleta brasileiro.

late – O senhor faz parte de um pequeno grupo de empresários brasileiros que decidiu investir no esporte amador. Como surgiu a idéia de incentivar o esporte por meio de patrocínios?

Celso – A gente sempre percebeu que havia uma certa dificuldade dos empresários aceitarem a participação no esporte porque os próprios esportistas não estavam organizados para chegar até os empresários com algum projeto. Com isso eles não se sentiam motivados a aplicar seus recursos ali. A vela, por exemplo, que é um outdoor ambulante, um local que você pode aparecer em diversas situações, ninguém na cidade nunca investiu e nós acreditamos que esse espaço pode ser um bom meio de comunicação e por isso começamos a trabalhar nessa área. E tudo foi iniciativa própria. Nós não fomos procurados por ninguém. Como velejador, comecei a divulgar nossa marca e aí foram surgindo as coisas. Com relação ao tempo de ação, começamos a levar a coisa à sério nos últimos três anos. Recentemente, a partir deste ano, a fábrica da SCA viu o desenvolvimento do nosso trabalho e começou a investir conosco nessa área.

late – Qual é o critério utilizado por sua equipe de marketing para patrocinar um atleta?

Celso – Nós ainda não temos critérios definidos porque a coisa começou de uma forma empírica, bastante amadora e com muita amizade no

negócio. Hoje não teríamos condições de manter toda a estrutura de vela se nós tivéssemos que bancar todos os custos. Então, muitos amigos, pessoas ligadas à área, se dispuseram a nos incentivar e a utilizar nossa marca, independente de algum benefício que eles pudessem ter ou não. Felizmente, os que foram surgindo e que foram incorporados ao grupo de atletas patrocinados são bons velejadores, atletas de ponta. Hoje, eles têm orgulho, independente da parte financeira, de participar da nossa equipe.

late – E como está sendo o retorno de seu investimento? Será que o pequeno empresário consegue apostar nessa área e ter resultados positivos?

Celso – A gente tem uma satisfação muito grande de ter sido pioneiro nessa área em Brasília, de acreditar nas pessoas, nos atletas, nos garotos, nas pessoas com mais idade inclusive, que também acreditaram e vestiram a nossa camisa. Em função disso, eu já vejo vários empresários se mobilizando e investindo na vela. Tudo isso foi graças ao nosso trabalho. Estamos plantando uma pequena semente que não está dando resultados apenas para nós, mas também está ajudando os atletas, que estão conseguindo alguns benefícios do empresariado da cidade e ainda dos clubes, que incentivam a prática da vela.

late – Sabemos que o projeto de sua empresa é voltado para a área esportiva. Entretanto, existem investimentos na área social?

“A vela, por exemplo, que é um outdoor ambulante, um local que você pode aparecer em diversas situações, ninguém na cidade nunca investiu nisso e nós acreditamos que esse espaço pode ser um bom meio de comunicação e por isso começamos a trabalhar nessa área”.



**Celso** – Temos uma ação chamada projeto cidadão. Ela procura trazer o pessoal de baixa renda, com poucos recursos, para tomar consciência e a começar no esporte. Temos também um projeto de formação de mão de obra. Temos uma estrutura com maquinário, de marcenaria que presta apoio a minha empresa SCA. Pretendemos, em um futuro próximo, começarmos a formar uma mão de obra que pudesse ser voltada para a carpintaria naval.

**late** – O senhor tinha a noção de que a coisa chegaria a esse patamar?

**Celso** – Quando a gente acredita no que faz, quando você se dedica a uma coisa onde você não está preocupado em aparecer, e quando as pessoas começam a te procurar porque acreditam no seu trabalho, a coisa começa a funcionar. A maioria dos atletas que está na equipe não me procurou por interesse. Se você for procurar que benefício financeiro eles tiveram, perceberá que eu pude fazer muito pouco por eles. Agora o que me entusiasma é que eu sou um pouco audacioso e eu me dedico de corpo e alma. Por isso, as pessoas começaram a ver a sinceridade do trabalho e, a partir disso, passaram a investir conosco. Eles sabem que nós estamos plantando uma semente. Pretendemos, a partir do ano que vem, ter uma condição muito melhor para propiciar a esses atletas uma estrutura melhor de trabalho.

**late** – No Brasil, para conseguir um patrocínio, o atleta precisa provar que é um vencedor e já estar em grande evidência na mídia. Sabemos que muitos campeões, que hoje são ídolos em suas modalidades, não tiveram ajuda de nenhuma instituição e começaram suas carreiras com recursos próprios. Será que investir na formação de atletas não seria uma boa alternativa para o empresariado e para o esporte brasileiro?

**Celso** – Com certeza. Nós acreditamos tanto nisso que hoje temos quatro garotos na Classe Optimist dentro da nossa equipe, velejadores da Classe Laser, que é uma Classe seguinte, Snipe e Star. Então,

nossa intenção é investir na base. Temos garotos de 9 a 13 anos velejando conosco. Pretendemos acompanhar esses garotos. Desses meninos, inclusive, nós temos dois que deverão participar do Mundial Norte Americano, a ser realizado no México, ainda este ano. Estamos com dois velejadores praticamente classificados para o Campeonato Mundial da Classe Laser, a ser realizado na Austrália. Então, o que nós pretendemos? O garoto que começa no Optimist, nós vamos estimular e acompanhar esses atletas até onde eles puderem chegar. É claro que vai chegar uma hora que não vamos ter condições. De repente vamos ter aí um Robert Scheidt da vida que nós não vamos conseguir segurar.

**late** – Continuando nesse assunto, sabemos que o Brasil é um país com grande potencial para o esporte. Entretanto, estamos muito distantes dos grandes centros como Estados Unidos, China e vários países Europeus. Esse panorama negativo pode ser considerado reflexo da falta de interesse das empresas em patrocinar o atleta em formação?

**Celso** – Eu acho que o governo tem a ver com essa

“Nossa intenção é investir na base. Temos garotos de 9 a 13 anos velejando conosco. Nós pretendemos acompanhar esses garotos. Desses meninos, inclusive, nós temos dois que deverão participar do Mundial Norte Americano”.



história. Não adianta só o empresário achar que consegue levar isso para frente sozinho. O governo já está dando várias mostras, por meio da criação de leis, de que quer ajudar o esporte. É preciso que o empresário, consciente da sua responsabilidade, não apenas social, invista em pessoas com potencial para o esporte. Não se pode apenas querer se beneficiar com as leis de isenção e não investir efetivamente no atleta. Eu acho que o governo está criando meios de ajudar o atleta crescer. E o empresário deve ter responsabilidade para usar esses meios de forma correta e não em benefício próprio.

late – Outro ponto que dificulta o esporte de alta performance no Brasil é a falta de estrutura e a pequena quantidade de centros de treinamentos. Verificamos que os espaços para a prática esportiva estão restritos aos clubes e a poucos centros disponibilizados pelo governo. Não estariam faltando ações efetivas da iniciativa privada para ampliar essas áreas?

Celso – É possível. Não tenho um conhecimento muito grande dessa área em outros esportes. Mas sabemos que é preciso de espaço físico, de uma estrutura básica para que as atividades sejam desenvolvidas. Dentro da vela, o que a gente percebe é que os clubes estão tentando se estruturar e cada vez mais ajudar o seu atleta. Eles inclusive estão fazendo um ótimo trabalho de base. Seria muito positivo que a iniciativa privada buscasse os clubes para fazer parcerias que beneficiem, principalmente, o atleta que está começando, pois assim ele poderá dar prosseguimento a sua caminhada.

late – Gostaria de saber sua opinião a respeito de um tema polêmico que envolve os atletas formados nos clubes e que após o sucesso deixam suas agremiações, que na maioria das vezes deram todo o apoio no início de sua carreira. O senhor acha que seria bom para o esporte brasileiro unir as marcas dos patrocinadores com as entidades formadoras de atletas?

Celso – Com certeza. Isso seria o ideal porque o clube leva até um certo ponto, depois ele tem dificuldade de acompanhar o atleta. O atleta precisa não só da estrutura do clube, ele necessita de uma preparação adequada. Podemos listar a presença de uma nutricionista, acompanhamento psicológico, enfim, são muitas coisas que o clube teria dificuldade em conseguir sozinho. O ideal seria juntar a iniciativa privada com os clubes de recreação para poder fazer o melhor possível para o atleta.

late – Para finalizar, você planeja ampliar seus investimentos na área esportiva?

Celso – Aproveitando esse momento que o governo busca meios para o desenvolvimento do esporte, nós constituímos uma associação. Esperamos que essa associação não fique apenas na parte náutica. Fomos inclusive muito felizes na escolha do nome. A associação se chama Farol e pretende desenvolver um marketing esportivo e social. Ela está registrada, possui CNPJ e tem condições de angariar recursos junto à iniciativa privada e também junto ao governo. Com esse programa nós poderemos dar sustentação ao trabalho de base do atleta.

“Dentro da vela, o que a gente percebe é que os clubes estão tentando se estruturar e cada vez mais ajudar o seu atleta. Eles inclusive estão fazendo um ótimo trabalho de base. Seria muito positivo que a iniciativa privada buscasse os clubes para fazer parcerias que beneficiem, principalmente, o atleta que está começando”.

